



IV JORNADA DE
PESQUISA EM
PSICOLOGIA
DESAFIOS ATUAIS NAS
PRÁTICAS DA PSICOLOGIA

25 e 26 de novembro de 2011
UNISC - Santa Cruz do Sul

INTERVENÇÃO PSICOLÓGICA NO PERÍODO PÓS-PARTO EM UMA MATERNIDADE

*Cássia Ferrazza Alves
Ana Paula Santos
Camille Haslinger
Elenara Farias Lazzarotto Da Costa
Lígia Andrea Rivas Ramirez e
Cristina Saling Krueel
Centro Universitário Franciscano*

Resumo

Considera-se o puerpério como o período pós-parto que a mulher vivencia podendo ser repleto de sentimentos intensos e angústias. Por isso, o presente trabalho tem por objetivo apresentar uma aproximação à intervenção psicológica no período pós-parto realizada em uma maternidade em um hospital público do município de Santa Maria. Trata-se de um relato de experiência, surgido a partir da vivência em estágio curricular do curso de Psicologia. A importância da intervenção psicológica nesse momento sensível na vida da mulher é a possibilidade de criar um espaço de escuta e acolhimento para as ansiedades vivenciadas no momento do parto, pós-parto e a hospitalização.

Palavras-chave: Relação mãe-bebê. Espaço de escuta. Maternidade. Hospitalização.

Introdução

A gravidez faz parte do processo normal do desenvolvimento. Nesse sentido, percebe-se tanto na mulher quanto no homem diferentes mudanças em função desse momento peculiar. Como exemplo é a articulação de novos papéis, isto é, além de serem filhos e, respectivamente, mulher e homem, tornam-se pais. São muitas mudanças que percorrem essa nova configuração tais como psicológicas, fisiológicas e socioeconômicas (MALDONADO, 2002). O puerpério, período após o parto, é considerado uma etapa de

grande sensibilidade. Stern (1997) destaca que a mulher vivencia um momento provisório, porém, fundamental para a vinculação mãe-bebê denominado Constelação da Maternidade.

Por conseguinte, identifica-se nessa etapa da vida da mulher e também do homem, um momento que merece atenção da psicologia em virtude de que esta pode vir a contribuir com momentos de escuta, acolhimento e atenção. Nesse sentido, a maternidade de um hospital constitui um espaço de prática psicológica. Por isso, o objetivo desse trabalho é apresentar uma aproximação à intervenção psicológica realizada em uma maternidade em um hospital público do Município de Santa Maria, Rio Grande do Sul.

Aspectos psicológicos da mulher no puerpério

Primeiramente, convém salientar que o trabalho do psicólogo no hospital evidencia-se à beira do leito do paciente, sendo uma atenção diretamente voltado a esse (ROMANO, 1999). O principal objetivo da psicologia hospitalar consiste na minimização do sofrimento provocado pela hospitalização, desenvolvendo intervenções no sentido de diminuir possíveis intercorrências emocionais no que tange a esse processo (ANGERAMI-CAMON, 2002).

Nos nove meses de gestação que antecedem o parto, a mulher passa por transformações físicas e psíquicas. É a partir do momento da percepção, consciente ou inconsciente, de que a mulher está grávida, que se inicia a formação da relação materno-filial e mudanças nas relações familiares. Nesse período, a mulher pode apresentar sentimentos ambivalentes tendo em vista ser um momento ligado a mudanças interpessoais, intrapsíquicas, físicas, emocionais (MALDONADO, 2002).

Quanto ao puerpério, período que sucede o parto, pode ter uma duração variável. Zimmermann et al (2001) apontam que o puerpério legal dura 40 dias, o orgânico até 90 dias, e o psicológico não há um término preciso. Esse período pode ser acompanhado por dúvidas pelas mães referentes à sua capacidade de cuidado com o filho. No entanto:

os pais devem estar conscientes de que esse é *seu* bebe, seus sentimentos e necessidades devem ser prioridade. As pessoas encarregadas dos cuidados – seja o médico, a parteira, a *doula* ou a enfermeira – estão lá para apoiar a nova família, responder às perguntas dos pais e estimular os talentos inatos que os pais têm para criar seus filhos (KLAUS, KENNEL, KLAUS, 2000).

No puerpério, a mãe entra numa nova organização psíquica temporária denominada por Stern (1997) como Constelação da Maternidade, tornando o eixo

organizador da vida psíquica da mãe. Nesse momento, a puérpera pode vivenciar angústias relacionadas à capacidade sua capacidade em manter seu filho vivo e alimentado; ter um relacionamento emocional autêntico com o bebê, a permissão e regulação de uma rede de apoio e a capacidade de reorganizar sua auto-identidade. Da mesma maneira, Winnicott (1999) aponta que esse período pós-parto a mãe entra em uma fase que ela é o bebê e o bebê é ela. É um período considerado importante e normal para esse momento. A partir da breve descrição da literatura, o objetivo desse trabalho é apresentar uma aproximação à intervenção psicológica no período puerperal realizada em uma maternidade de um hospital público.

Método

O presente trabalho trata-se de um relato de experiência surgido a partir da prática de estágio curricular do curso de Psicologia/UNIFRA, Santa Maria. O estágio, em andamento, está sendo realizado em uma Maternidade de um hospital público da cidade de Santa Maria/RS desde março de 2011. O hospital atende pessoas da cidade de Santa Maria e região. As atividades desenvolvidas são atendimentos e acolhimentos no pré-parto, parto e pós-parto às mães e aos familiares.

Resultados e Discussão

No período pós-parto, a mãe encontra-se em um momento muito sensível, sendo importante a construção de um espaço de acolhimento. Geralmente, as mães “de primeira viagem” ficam mais sensíveis por ser a primeira experiência. Por isso, torna-se fundamental mostrar às mães que são elas que conhecem da melhor forma seu bebê, possibilitando a efetivação do seu papel que, por vezes, fica em detrimento do conhecimento técnico-científico. Por isso, é preciso aliar o conhecimento técnico ao conhecimento pessoal de cada mãe.

Por exemplo, uma intervenção realizada por parte da equipe é o ato da mãe dar banho no seu filho na maternidade. A insegurança no momento do banho é o medo de derrubar o bebê. Nesse sentido, um conhecimento mais técnico por parte da enfermagem, possibilita a instrução de como pegar o bebê, por exemplo. A intervenção psicológica pode acontecer nesse momento do banho, significando à mãe sua importância e a criação de um espaço de segurança mostrando a ela como tem o conhecimento do seu filho e que ninguém

da equipe de saúde tem tanto tempo de convivência com ele do que os nove meses de gestação. Zimmermann et al (2001) destaca que a puérpera apresenta fantasias a respeito da saúde do filho e sobre seu futuro. Principalmente, permeiam dúvidas sobre o cuidado sendo importantes orientações quanto ao modo de segurar, amamentar e trocar as fraldas, por exemplo. Klaus, Kennel e Klaus (2000) recomendam que as instruções para a mãe deve obedecer às necessidades dela e do bebê.

A intervenção psicológica pode, também, acontecer buscando conter as angústias dos familiares na medida em que explicita a eles a importância de criar um espaço seguro à relação mãe-bebê. Em um atendimento, a mãe de uma paciente a pressiona constantemente sobre a necessidade de amamentar o filho e de que a filha precisaria ficar calma. Nesse momento, foi necessário a criação de um espaço de que mostrasse à avó o quanto a mãe era capaz de “ser mãe”, não a pressionando para a amamentação. Logo, a avó relata que não amamentou seus dois filhos e ficou nervosa durante a gestação de um. Por isso, atribuiu sua ação a problemas psicológicos de um dos filhos e, preocupada com a possibilidade de haver problemas parecidos para o neto, pressionava a filha. Assim, um dos objetivos do atendimento foi a realização da escuta dessa avó e mostrar a ela o quanto a relação de sua filha, agora com seu bebê, seria diferente da dela com seus filhos. À paciente foi importante apóia-la visto que pode minimizar as inseguranças envolvidas nesse período (ZIMMERMANN et al, 2001).

Considerações Finais

A partir das considerações feitas no decorrer desse trabalho, percebe-se a importância do atendimento psicológico junto às puérperas durante a internação hospitalar visto que é um momento em que pode haver cobranças de como ser mãe por parte da família e equipe como também da própria paciente pós-parto. À família, é interessante mostrar a importância do apoio e da necessidade de criar um espaço que não busque pressionar a puérpera com ansiedades que provém dos outros nesse momento sensível na sua vida. À equipe, convém realizar uma sensibilização na busca por um atendimento mais humanizado nesse momento. Por conseguinte, as angústias provindas da internação hospitalar poderão ser reduzidas e a criação de um espaço suficientemente bom para a construção do vínculo mãe-bebê.

Referências

ANGERAMI-CAMON, Valdemar. O psicólogo no Hospital. In:____. (org.). **Psicologia hospitalar: teoria e prática**. São Paulo: Pioneira, 2002.

KLAUS, Marshall; KENNEL, John; KLAUS, Phyllis. **Vínculo: construindo as bases para um apego seguro e para a independência**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

MALDONADO, Maria. **Psicologia da gravidez: parto e puerpério**. 16.ed. São Paulo: Saraiva, 2002.

ROMANO, Bellkiss. **Princípios para a prática da psicologia clínica em hospitais**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

STERN, Daniel. **A Constelação da Maternidade**. Porto Alegre: Artmed, 1997.

WINNICOTT, Donald. **Os bebês e suas mães**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ZIMMERMANN, Aida.; ZIMMERMANN, Heloisa; ZIMMERMANN, Jacques; TATSCH, Fernando; SANTOS, Cristina. **Gestação, Parto e Puerpério**. In: EIZIRIK, Cláudio.; KAPCZINSKI, Flávio; BASSOLS, Ana Margareth. **O ciclo da vida humana: uma perspectiva psicodinâmica**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.